



Um jornalista nos trilhos do futebol brasileiro

Marcelo Cardoso – Universidade Anhembi-Morumbi | São Paulo | SP | Brasil. E-mail: cardoso.marcelo@uol.com.br | <https://orcid.org/0000-0003-3960-8067>



O jornalista Leandro Massoni Ilhéu¹, de 29 anos, entrevistado por Marcelo Cardoso, é graduado pela Universidade Paulista (Unip) e pós-graduado em Jornalismo Esportivo e Multimídias pela Universidade Anhembi-Morumbi, ambas na cidade de São Paulo.

Leandro Massoni Ilhéu é um apaixonado pelo jornalismo, pela história do futebol e por rádio, tanto é que se formou técnico em locução pela Radioficina Escola de Rádio e Televisão. Trabalhou em redações como pauteiro, editor, revisor, repórter e foi assessor de imprensa. Assina uma coluna no Portal Imprensa, sítio eletrônico muito conhecido pelos universitários que cursam Jornalismo. Ilhéu também cria e gerencia conteúdos para plataformas web e redes sociais, além de cuidar do seu site, Jornalista em Campo (www.jornalistaemcampo.com.br), onde tem a oportunidade de abordar o tema que mais gosta, o futebol.

O jornalista publicou o livro “Nacional: nos trilhos do futebol brasileiro”, lançado pela Editora Casa Flutuante, em 2019, não por acaso, ano do centenário do Nacional Atlético Clube, de São Paulo, teve origem em pesquisa desenvolvida para o Trabalho de Conclusão de Curso de

¹ E-mail de contato: massoni.leandro@gmail.com



graduação. Nele, Leandro Massoni Ilhéu trata da história do Nacional Atlético Clube, agremiação que deriva do São Paulo Railway Athletic Club (S.P.R.), time ligado à empresa ferroviária inglesa onde trabalhava Charles Miller, considerado o pai do nosso ludopédio. Após o término do contrato de 90 anos, celebrado entre a empresa inglesa e o governo brasileiro, o clube passa a se chamar Nacional Atlético Clube. Trata-se de uma obra que ganhou relevância na medida em que não havia uma obra sobre o tema e que, ao mesmo tempo, abordasse a origem do futebol brasileiro.

O jornalista contou, durante a entrevista, como Miller organizou, em São Paulo, os primeiros jogos de futebol balizados por regras e comentou sobre as características da sociedade paulista nas primeiras décadas do século 20. Subtemas como cultura, racismo, elitismo, urbanismo e imprensa foram costurados a aspectos do futebol brasileiro. A entrevista realizada por videoconferência, em junho de 2020, em São Paulo, em meio ao cenário de pandemia provocado pelo vírus SARS-CoV-2.

Marcelo Cardoso – Em abril de 2019, completaram-se 125 anos desde a primeira partida oficial de futebol no Brasil. Você poderia falar mais sobre este jogo e sua importância, além do fato de um dos times envolvidos, S.P.R., vir a se transformar no Nacional, que do o seu livro trata?

Leandro Massoni Ilhéu – Precisamos partir implantação da primeira companhia ferroviária do Brasil, a São Paulo Railway (S.P.R.). Irineu Evangelista de Sousa, o Barão de Mauá (1813-1889), possibilitou a vinda da S.P.R. para o país, juntamente com imigrantes que se radicaram na terra. Isso facilitou a comercialização do café, que era trazido do interior do Estado para ser distribuído e vendido, antes transportado com o uso de animais. E, como sabem, o café acabou impulsionando o Brasil. Charles Miller era de uma família tradicional de São Paulo, de costumes ingleses, e foi, ainda jovem, estudar na Inglaterra onde conheceu o futebol e se aventurou nas partidas se notabilizando como jogador dedicado, exímio e talentoso. Ele regressou para o Brasil, em 1894, por motivo da morte do pai que tinha cargo importante na companhia ferroviária. Segundo o REU, Sorocaba, SP, v. 46, n. 2, p. 509-517, dez. 2020.



historiador Jonh Mills, Miller trabalhou na S.P.R. e, com o passar do tempo, fez contato com trabalhadores da empresa que, na época, não possuíam atividade lúdica, de entretenimento. É interessante notar que as origens do futebol na Inglaterra está vinculado ao combate à prática das pessoas de frequentar pubs, de passar muito tempo sem uma atividade lúdica. Charles Miller, talvez com esta ideia, organiza uma partida de futebol com os funcionários, no qual regras tinham que ser respeitadas. Assim, em 14 de abril de 1895, perto da Várzea do Carmo, onde hoje está o terreno do Parque D. Pedro, na cidade de São Paulo, Miller realiza a primeira partida oficial porque, até então, o que se via não era futebol de fato. Eram manifestações do futebol. Miller realizou a primeira partida, que contou com um combinado de funcionários da S.P.R. e das companhias oriundas da Inglaterra, a São Paulo Gaz Company, a companhia distribuidora de gás, e o London Bank. O placar do jogo foi 4 X 2 para a S.P.R. e com dois gols do Charles Miller.

Marcelo Cardoso – Como nasceu a ideia de escrever um livro sobre o Nacional, que não é um time de ponta, apesar de ter uma tradição e uma boa história? E qual foi o seu objetivo?

Leandro Massoni Ilhéu – Em 2012, eu estava no último ano do curso de Jornalismo e eu sempre acompanhei o futebol. Eu tinha uma ligação por conta do meu time do coração que é o Palmeiras, mas não era fanático. Na época da faculdade chegou o momento do TCC e nós estávamos com um único tema que seria sobre a vida do Zé do Caixão², mas não deu certo. Então, um dos nossos colegas, Paulo Roberto da Ascensão, teve a ideia de tratar sobre o Nacional. No grupo de alunos tinham outros estudantes que gostavam de futebol e começamos a pesquisar. Eu fiquei incumbido da parte histórica. Quando comecei a ler sobre o clube (Nacional) vi que era interessante por causa do contexto histórico, da origem em São Paulo, da

² José Mojica Marins (1936-2020) ou Zé do Caixão, foi cineasta, ator, roteirista de cinema e da televisão brasileira.



relação com a companhia ferroviária e da vinda de Charles Miller para o Brasil. Fizemos, então, um documentário. Depois de pronto, mostramos o documentário para o pessoal do clube que gostou e pediu para que nós produzíssemos um livro. O meu amigo, porém, teve sérios problemas pessoais e não conseguiu dar sequência no trabalho, se afastando. E, além disso, o clube não poderia pagar pelo trabalho. Em 2017, depois de concluir a pós-graduação, retomei o livro e descobri que o clube faria cem anos em 2019. Contei com a ajuda do pessoal do Museu do Futebol, de São Paulo, que me auxiliaram no acesso a jornais da época, como a Gazeta Esportiva, e usei a Hemeroteca Digital para a pesquisa, além de livros.

Marcelo Cardoso – Qual importância você atribui ao fato de ter entrevistado para o seu livro o John Robert Mills (1938 - 2018), biógrafo de Charles Miller?

Leandro Massoni Ilhéu – Foi muito gratificante. Eu tive dois encontros com ele. O primeiro foi em 2012, junto com o meu amigo Paulo e, na época, discutimos muito sobre o Charles Miller. Quando eu o entrevistei pela segunda vez, em 2017, ele já estava com problemas de saúde. Eu achei muito bonito da parte dele se prestar a vir ao meu encontro, em uma quarta-feira, de noite, em um shopping de São Paulo. Ele morava na zona sul, em Santo Amaro, e me encontrou na zona norte (lado oposto da cidade). Eu fiquei muito entusiasmado e discuti muito sobre o primeiro jogo realizado. Foi muito interessante porque o livro ganhou um novo fôlego. Por causa do Mills, eu procurei outros entrevistados para completar esta parte histórica. Um deles foi o jornalista Celso Unzelte, que complementou muito bem, principalmente sobre a questão do elitismo, da classe operária e das lutas dentro do futebol, nas décadas de 1910 e 1920, que permitiram, nos anos 1930, que o esporte se tornasse popular e também garantissem a inserção do negro. Dediquei o primeiro capítulo em memória ao John Mills pelo fato de que o capítulo inicial da biografia do Miller, escrita pelo Mills, chamar-se “O missionário”, eu chamei o primeiro capítulo do meu livro de “O missionário Miller”.



Marcelo Cardoso – E qual a relação do Charles Miller com o Nacional Atlético Clube? Pelo que eu li é uma relação indireta, não?

Leandro Massoni Ilhéu – O Charles Miller tem uma ligação histórica com o São Paulo Railway (S.P.R.), mas indireta com o Nacional. Ele jogou no S.P.R. e, depois, foi para o São Paulo Athletic Club (SPAC), que fica na região de Santo Amaro (zona sul). Miller recebeu convite para ser um dos jogadores de lá e, conseqüentemente, se envolveu com a criação das primeiras ligas de futebol do Estado de São Paulo. Miller, portanto, tinha relação com o S.P.R. que viria a se transformar, mais tarde, no Nacional.

Marcelo Cardoso – O S.P.R. era um time elitista ou operário?

Joseph Català – O time de futebol do S.P.R. tinha esta característica de ser um clube operário, porque só podiam jogar os funcionários da empresa, mas, também era elitista porque pertencia à empresa (S.P.R.). Há relatos sobre os funcionários que eram notificados sobre as partidas de futebol da empresa e muitos iam ver os jogos e levavam a família.

Marcelo Cardoso – Como os ingleses influenciaram o aspecto cultural da cidade de São Paulo? Havia empresas como a São Paulo Railway e a São Paulo Gaz Company, todas inglesas. Como você tratou este aspecto?

Leandro Massoni Ilhéu – Os ingleses influenciaram por meio dos empreendimentos que eles trouxeram e que a própria imigração e o crescimento industrial provocaram. A imigração influenciou o futebol como o caso dos italianos da família Matarazzo, que tiveram ligação com o Palmeiras, os espanhóis que tiveram ligação com o Jabaquara (time da cidade de Santos, no litoral). Também nas construções como a Estação da Luz (que é hoje um terminal metroferroviário), no centro de São Paulo, que se assemelha com as da Inglaterra. E se você olhar dentro da estação você vai ver o símbolo da S.P.R. O estádio do Nacional Nicolau Alayon tem a cobertura com madeiras que vieram da Inglaterra. A estrutura do estádio é inglesa. A imigração deixou marcas que perduram.



Marcelo Cardoso – Qual a importância do estádio do Nacional Nicolau Alayon para a cidade de São Paulo?

Leandro Massoni Ilhéu – O nome é uma homenagem ao uruguaio Nicolau Alayon, que foi um dos dirigentes mais entusiastas do clube e foi o único estrangeiro no Brasil a ser homenageado com o nome de um estádio. Foi criado, em 1939, para ser a casa do S.P.R. Houve um jogo amistoso inaugural contra o Corinthians que venceu por 2 X 1. Percebe-se que o estádio foge bastante da perspectiva de hoje, em torno das arenas multiuso que acolhem muitos torcedores e eventos. O Nicolau Alayon e o Conde Rodolfo Crespi, do Juventus, talvez sejam os únicos estádios que guardam um pouco de suas origens. O estádio do Nacional tem capacidade para dez mil pessoas, mas se encontra sem iluminação para que jogos noturnos possam ser realizados. Por este motivo, a Federação Paulista de Futebol determina que os jogos do Nacional sejam somente à luz do dia. Eu fiz algumas pesquisas e entrevistas e percebi que o Nacional perdeu muito terreno e caiu o número de sócios. Há quadras para futebol *society* e vôlei, ginásio, piscinas, mas parte desta estrutura está abandonada. O clube consegue arrecadar dinheiro por meio de parcerias para utilização desta parte social. Empreendimentos imobiliários ficam ao redor do clube e de dentro do estádio você vê vários prédios em volta. Alguns moradores reclamam do ruído produzido dentro do clube durante o dia. Em 2017, porém, o campo do Nicolau Alayon³ foi declarado patrimônio imaterial. Isso trouxe um tempo a mais para os torcedores que temem que a agremiação possa desaparecer um dia. Os dirigentes, no entanto, preservam o legado dos ingleses. É como se fosse uma dívida de gratidão que eles têm com a história do clube e por este motivo não é tão simples acabar com o Nacional.

³ Devido a relevância para a memória do futebol do início do século XX a arquibancada coberta e o gramado do Nicolau Alayon foram tombados pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo.



Marcelo Cardoso – No capítulo 2 você apresenta o distrito de Paranapiacaba, em Santo André, na região do ABC paulista. É um local pouco conhecido, mesmo para quem é de São Paulo. Lá se chega por trem. Qual a importância deste local na história do nosso futebol?

Leandro Massoni Ilhéu – É um dos locais onde havia uma estação da S.P.R. Existe até hoje uma vila inglesa e foi lá onde os funcionários praticamente moravam. Dentro desta vila havia um campinho de futebol que, depois, iria ser o campo do Serrano, um time que não disputava competições, era totalmente amador e formado pelos próprios operários das companhias.

Marcelo Cardoso – No livro tem ótimas histórias sobre Paranapiacaba. São histórias daquelas que viraram lenda e que tratam das partidas de futebol disputadas por lá. Pode nos contar alguma?

Leandro Massoni Ilhéu – Havia uma dificuldade para os jogadores por conta da neblina. A região é conhecida pela quantidade de neblina, um local montanhoso. Tem relatos de jogos nos quais um time partia para o ataque e o campo do adversário já estava coberto pela neblina e a bola se perdia. Também a bola era chutada para o gol e, como o juiz não conseguia enxergar por causa da neblina, validava o gol mesmo não sendo. As traves não tinham redes e se o jogador chutasse e a bola não entrasse, mas todo mundo gritasse “gol”, o juiz acabava marcando. O time Serrano era uma espécie de extensão mais amadora do time S.P.R. da capital.

Marcelo Cardoso – Você aborda, no livro, sobre “gente”: são dezenas de histórias de jogadores, técnicos, funcionários, torcedores, dirigentes, enfim, pessoas que, de alguma forma, têm ou tiveram relação mais íntima com o clube. O que este capítulo oferece, exatamente, ao leitor?

Leandro Massoni Ilhéu – A minha intenção ao escrever o livro foi mesmo de fazer reportagem, de checar informações, de construir um livrorreportagem. Estas pessoas ajudam a contar o que representou o Nacional Atlético Clube para elas, desde quando pisaram no clube. Eu cito,



por exemplo, três ex-jogadores: Jair Picerni, José Luiz Carbone e Rubens Minelli que tiveram uma passagem marcante pelo Nacional. O Picerni, por exemplo, começou no clube como lateral e, depois, se notabilizou na Ponte Preta (de Campinas) onde foi vice-campeão paulista em 1977. Vários jogadores conhecidos passaram por lá e isso impulsionou a carreira do Picerni. Passaram por lá o Mário Travaglini, o Canhoteiro, o goleiro Félix. Tem uma história curiosa que envolveu o Carbone, quando técnico do clube. O Nacional tinha seus patronos que o ajudavam e Ivo Noal, suspeito de promover o jogo do bicho, era um deles. Carbone teve uma briga com Noal que queria colocar o filho dele para jogar no time profissional, mas o técnico não queria e, por isso, teria sido demitido. Os jogadores não gostaram muito da demissão e dedicaram uma vitória ao ex-técnico que estava no estádio assistindo ao jogo. O gol foi marcado e os jogadores foram até ele homenageá-lo. E houve outros jogadores, por exemplo, que tinham uma dívida de gratidão com o clube. Eu quis mostrar, para quem gosta de futebol, que o Nacional teve grandes atletas que passaram por lá e, por este motivo, foi considerado um celeiro de jogadores do Brasil. O Nacional se notabilizou na Copa São Paulo de Futebol Júnior em 1972 e em 1988, quando venceu.

Marcelo Cardoso – Há alguma informação que lhe chama a atenção e não abordamos nesta entrevista?

Leandro Massoni Ilhéu – Acredito que o Nacional também perdeu muita força por não ter investido em um departamento de marketing mais forte com ações junto com o torcedor e que resgatassem a própria história, por mais que o clube não seja como o Juventus, que tem um bairro (Mooca) para chamar de seu e trazer sua cultura. Os comentaristas esportivos que entrevistei como o Milton Neves, Jota Júnior, Luiz Ademar, entre outros, afirmaram que o Nacional precisaria de uma injeção de ânimo para poder levantar o seu nome. Precisava de um departamento de marketing que desenvolvesse ações ligadas com a Inglaterra, com a companhia ferroviária, para poder preservar a memória. O time disputa a Série A-3 do Campeonato



Paulista. É um clube que vive do seu legado e não tem intenção clara de voltar à divisão principal do campeonato por conta do pouco aporte financeiro que possui e da pouca ajuda que a Federação Paulista de Futebol destina aos clubes. O Nacional foi um dos fundadores da própria federação que, na época, reuniu os clubes para participarem do primeiro campeonato paulista de futebol, organizado por ela.

Referência:

ILHÉU, L. M. **Nacional**: nos trilhos do futebol brasileiro. São Paulo: Casa Flutuante, 2019.